o verde-oliva
Gabinete do Ministro do Exército
Assessoria de Relações Públicas
Brasília, junho de 1978 — N.º 22

Nova Fase

Durante os cinco anos de sua circulação, "O Verde Oliva" sofreu várias transformações.

Buscando cumprir cada vez melhor sua missão informativa, propõe-se agora, a edições mais freqüentes.

Sem nenhuma ostentação, numa publicação simples — a duas cores, somente — procuraremos, de forma objetiva e com maior freqüência, estreitar o contato daqueles que, em todos os quadrantes do País, contribuem para a manutenção do Exército disciplinado, eficiente e inteiramente dedicado ao serviço da Pátria.

Procuraremos manter os nossos leitores informados, na medida do possível, sobre as realizações do Exército, as pesquisas em curso e sobre as medidas que visem o reaparelhamento da Força Terrestre.

Divulgaremos os fatos, de interesse geral, que ocorram nas diversas guarnições militares espalhadas pelo Brasil. Com isso, temos em vista permitir que todos os nossos leitores tenham conhecimento do que fazem os demais integrantes da família verde-oliva.

Para atingir nossos objetivos, teremos que contar, necessariamente, com a colaboração de todos.

Você, leitor amigo, participe ativamente conosco! Mande-nos suas sugestões, suas críticas, suas observações, artigos, crônicas, fotografias, contos, reportagens, tudo, enfim, que julgue pertinente. Todas as formas de colaboração serão bem-vindas.

Nosso objetivo é, em última instância, comunicar, integrar e unir.

NOVO VEÍCULO MILITAR



Após termos tomado contato intenso com o Cascavel e com o Urutu e termos acompanhado toda a peregrinação do Sucuri pelo mundo afora, observamos o aparecimento de uma nova cobra batizando um novo veículo militar brasileiro: O Jararaca.

Trata-se de um veículo leve, de altíssima mobilidade, concepção simples e fácil manutenção, podendo ser equipado com metralhadoras ponto 30 ou ponto 50 e ainda morteiro de 60 mm, sendo bastante flexível a outras adaptações.

Pesando menos de 4.000 quilos, o Jararaca vem preencher inúmeras lacunas em muitos Exércitos de todo o mundo, carentes de um veículo deste tipo, constituindo-se portanto em mais uma vitória para a tecnologia bélica nacional.

O Exército e os Prisioneiros



Um testemunho histórico

O Ministro do Exército recebeu, por intermédio do Adido Militar junto à Embaixada do Brasil na Alemanha, carta do Dr. **Eberhard Wöllner**, ex-combatente da 148a Divisão de Infantaria alemã, na 2a Guerra Mundial.

O missivista, na qualidade de parlamentar, representou sua Unidade durante a rendição dessa GU às tropas brasileira.

É o seguinte o texto traduzido:

"Exmo Sr Embaixador: Gostaria de aproveitar o ensejo da eminente visita do presidente do seu país a Bonn para lhe fazer um pedido cuja realização há muito venho desejando.

Trata-se de um acontecimento dos últimos dias da guerra do ano de 1945. Nessa época eu pertencia à delegação da 148a Divisão de Infantaria alemã, que capitulou na Itália, na região sul de Parma (perto de Fornovo) perante a tropa brasileira que lutava enquadrada pelo V Exército americano. A nossa delegação — éramos três e, ao que me parece, eu sou o único que hoje ainda está vivo — foi nessa época recebida e tratada pelos parceiros brasileiros das negociações **com a maior gentileza e cavalheirismo, a despeito da nossa situação desesperadora. Isto ficou gravado de maneira inextinguível na minha memória.**

Faz parte, portanto, dos meus desejos até hoje não realizados, entrar em contato com esses oficiais brasileiros, desta vez em particular, sendo possível, ver também algum material de arquivo da época, como filmes, por exemplo.



O encontro entre os delegados nazistas e brasileiros foi na estrada 62. O momento culminante do primeiro contato entre brasileiros e alemães, quando o representante tedesco saudava o oficial brasileiro, **Maj João Carlos Gross**, que o conduziu à presença do **Gen Mascarenhas de Moraes**.

Eu ficaria imensamente grato a V.S. se pudesse, através da sua ajuda e mediação, alcançar esse objetivo.

(Conclui na 4ª página)

O QUE VAI PE

I EXÉRCITO



PÁRA-QUEDISTAS PARTICIPAM DA "RÚSTICA 31 DE MARÇO"

Sob o patrocínio da Comissão de Desportos da Marinha, foi realizada a "VIII Rústica de 31 de Março", como parte dos festejos comemorativos da Revolução Democrática de 1964.

Entre as inúmeras equipes militares presentes à competição, saiu vencedora a representação da Comissão de Desportos do Exército, composta pelos atletas da Brigada Pára-quedista e do II Exército.

Comando Militar do Planalto

Operação Documento



O CMP/11a RM concluiu, recentemente, uma operação de larga envergadura, denominada Operação Documento, desenvolvida na região norte do Estado de Goiás, que teve por finalidade o fornecimento à população de documentos básicos para a integração do indivíduo na vida nacional.

A ação, coordenada pelo CMP, contou com a participação de equipes de sete ministérios, do Governo do Estado de Goiás e de onze prefeituras municipais.

A atividade, coroada de êxito absoluto, beneficiou cerca de 70.000 pessoas através da distribuição de mais de 200.000 documentos.

Assim, foram distribuídas: carteiras de identidade civil, certidões de nascimento e de casamento, CPF, documentos militares e carteiras de trabalho.

O grande mérito da Operação foi garantir o acesso de uma parcela considerável de brasileiros aos benefícios proporcionados pelos grandes programas governamentais, tais como: PIS, PASEP, INPS, FUNRURAL etc..., mais facilmente atingíveis com a posse desses documentos básicos.

No conjunto de atividades englobadas pela Operação foram realizadas diversas ações cívico-sociais — desencadeadas pelo CMP, ou por ele estimuladas — que contribuíram de forma acentuada para a formação de uma imagem favorável do Exército perante as populações assim assistidas.

Tamanho foi o sucesso da ação realizada pelo CMP que vários Comandos de Área têm manifestado seu interesse na obtenção de relatórios, fotos e dados de planejamento capazes de orientar o desenvolvimento de atividade similar em suas áreas de responsabilidade.

Batalhão Tibúrcio

O 38º Batalhão de Infantaria — "Batalhão Tibúrcio", aniversariou a 19 de abril, comemorando seus 137 anos de criação.

O 38º BI teve suas raízes na Unidade denominada "Meio Batalhão de Caçadores da Bahia", criado por decreto imperial de 1851. Ao longo dos anos recebeu várias denominações.

Desde 1917, acha-se aquartelada em Vila Velha—ES, nas instalações da Fortaleza São Francisco Xavier da Barra.

Participou da Guerra do Paraguai, destacando-se nas batalhas em que se empenhou, entre as quais, Tuiuti, Lomas Valentinas, Peribebuí e Estabelecimento.

Nessa campanha teve como comandante o então Major **Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza**, exemplo de bravura e amor à Pátria, ao qual, como justa homenagem, o governo brasileiro imortalizou, conferindo à Unidade que tão bem soube conduzir, a denominação histórica de "Batalhão Tibúrcio".



Fiel à sua destinação, o 38º BI permanece vigilante e altaneiro, cultuando a memória de seus heróis e honrando suas mais caras tradições guerreiras.

Departamento de Ensino e Pesquisa

CIGS - O Combatente de Selva

O Centro de Instrução de Guerra na Selva completou 14 anos de criação.

O CIGS, criado em 2 Mar 64, veio preencher uma lacuna até então existente no Exército Brasileiro, ou seja uma organização militar voltada para o adestramento de oficiais e praças para o combate em área de selva.



Sua criação traduziu a preocupação com a segurança de mais de 50% de nosso território caracterizado pela floresta amazônica.

Começou a funcionar, efetivamente, dois anos após a sua fundação.

A equipe pioneira que implantou e fez funcionar o Centro foi constituída por um selecionado grupo de oficiais e sargentos preparados pela Escola das Américas, na Zona do Canal do Panamá.

Em 1970, passou a denominar-se Centro de Operações na Selva e Ações de Comando (COSAC), passando a formar, também, elementos especializados em ações de comando.

No início deste ano, voltou à sua denominação original — CIGS.

Sua missão permanece a mesma na formação de combatentes de selva. O Centro orgulha-se de ter contribuído para o adestramento não só de militares brasileiros mas, também, no de oficiais e praças pertencentes a países amigos do Brasil.

LO EXÉRCITO

II EXÉRCITO



TIRO DO RECRUTA — Uma tradição da Artilharia

Realizou-se recentemente mais um exercício de Tiro do Recruta das Unidades da Artilharia Divisionária da 2a Divisão de Exército.

O Tiro foi realizado na região da Fazenda Menguita e Fazenda Banny Valley, a 9 km da Rodovia Presidente Castelo Branco, à altura do km 69, no município de Itu—SP.

Este Tiro é uma tradição centenária da Artilharia, onde se concretiza o batismo de fogo do recruta, com canhões de campanha e anti-aéreo, e marca o início da formação do soldado artilheiro.

Nesse exercício foram realizados tiros com material de Cal. 155, 105 AP, 105 AR e Can 40, além de um quadro histórico sobre o legendário "Boi-de-Botas", com tiro do canhão de carregamento anti-carga, de fabricação portuguesa, ano de 1823.

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA E COMUNICAÇÕES

A D Com Moderniza as Comunicações

A Diretoria de Comunicações, recentemente, concluiu a celebração de um contrato com a Empresa Philips, para a aquisição de modernos equipamentos de comunicações — rádios dos grupos 4 e 5.

O material adquirido é de tecnologia atual e apresenta alto índice de nacionalização, atendendo à orientação da política nacional de procurar a auto-suficiência tecnológica.

Os equipamentos destinam-se ao Sistema de Comunicações de Campanha, o qual tem prioridade no reaparelhamento do Exército.



Departamento Geral dos Serviços

Controle de Equinos Militares — DV



A Diretoria de Veterinária está elaborando novas "Normas Técnicas para Controle dos Eqüinos Militares", visando o estabelecimento de uma unidade de doutrina mais atualizada. Nelas será dado ênfase ao procedimento para movimentação de animais, tendo em vista especialmente o controle da Anemia Infecciosa Eqüina — AIE.

O encostamento e arraçoamento de animais particulares por militares, somente é autorizado com atestado negativo de AIE fornecido por laboratórios credenciados, colaborando assim a DV com a política sanitária do Ministério da Agricultura em relação àquela doença.

A fim de se especializarem no diagnóstico laboratorial da Anemia Eqüina, diversos oficiais foram designados pela DV para estagiarem no Instituto Biológico de São Paulo.

IV EXÉRCITO

Tiros-de-Guerra: 7.ª RM



Os Tiros-de-Guerra são uma experiência brasileira, vigente há mais de setenta anos, que, depois de 1916, foram impulsionados pela pregação patriótica de Olavo Bilac, o Patrono do Serviço Militar, e são conseqüência, sobretudo, de um esforço comunitário municipal de integração civil militar.

Recentemente, na área da 7a Região Militar, no município de Nazaré da Mata—PE, foi inaugurado mais um Tiro-de-Guerra: o TG 07-169.

O Verde-Oliva aproveita a oportunidade para prestar a sua homenagem a todos os Tiros-de-Guerra do Brasil, que formam, proficientemente, os nossos reservistas de 2a Categoria e que também levam a mensagem de fé e patriotismo verde-oliva aos mais distantes rincões do território nacional.

Página do Leitor

A MORTE DO CORNETEIRO



Era janeiro de 1943, época crucial da 2ª Grande Guerra, quando após um ano na Ilha de Fernando Noronha, chegava eu a uma pequena cidade sertaneja, nas margens do Rio São Francisco, sede da minha nova unidade. Quando fiz a minha apresentação, já me esperava a função de Sargento Ajudante e, para bem desempenhá-la, seria necessário conhecer todo o pessoal do Batalhão.

De todos que conheci, havia um que ficaria marcado para sempre na minha lembrança — era a inconfundível figura do velho Cabo **Ambrósio**, mestre da banda de corneteiros. Era o **Ambrósio**, um dos homens mais queridos e respeitados da corporação. Um nordestino de estatura média, semblante alegre, extremamente solícito, que inspirava confiança à primeira vista. Totalmente devotado ao Exército, seu maior orgulho era sem dúvida a sua banda de corneteiros, realmente o que havia de melhor. Dispensava aos seus pupilos um tratamento só comparável ao de um pai.

Repetia sempre que havia nascido para ser soldado e seu destino era ser corneteiro. Esperava que Deus o conservasse assim até o fim de sua vida.

Na sua extrema simplicidade, confessara ser o único sobrevivente de sua família, vítima das antigas rixas do Nordeste, por isso considerava o quartel como sua verdadeira casa e os companheiros, como verdadeiros irmãos.

O Cabo Velho, como era chamado por todos, sem dúvida era uma figura humana extraordinária — tinha um cuidado exagerado de não ser desagradável a ninguém, e na sua extrema humildade, tinha a sua própria filosofia de vida — jamais contrariava as opiniões alheias — concordava com todos, mesmo que as opiniões fossem opostas.

Nos desfiles da tropa, fazia gosto ver o Cabo Velho: uniforme impecável, porte marcial de se chamar a atenção, corneta em punho, marchava orgulhoso ao lado e um pouco atrás do seu comandante, pronto a executar os toques que substituíam as ordens de comando a viva voz.

Porém, bem longe dali, bem distante do mundo do velho **Ambrósio**, a guerra prosseguia ameaçadora e com um desfecho imprevisível. Nosso Batalhão recebera ordem de partida para o Recife, onde seriam feitos os preparativos para seguirmos para a frente italiana. Nossa missão era a de substituir outra Unidade de Engenharia na Itália.

Numa linda madrugada que só o sertão brasileiro sabe ter, partia o grande comboio com todo o pessoal e material.

O que vimos, não apenas uma cena, mas um verdadeiro espetáculo, difícil de ser esquecido — ao longo do trajeto do grande comboio, o povo em fila, de um e de outro lado, agitava os lenços e chorava ao mesmo tempo. Foi a primeira vez que vimos o solo seco e escaldante do nordeste ser regado, e regado por lágrimas de um povo bom e agradecido por todos os benefícios que recebeu.

No Recife, depois de aquartelado, o Batalhão iniciava os preparativos para o desempenho da nova missão. Todos os elementos do Batalhão deveriam ser submetidos a rigorosa inspeção de saúde, para a seleção do pessoal.

No pátio do quartel, o Cabo Velho, sempre cercado por soldados que ouviam com satisfação o bom papo do velho **Ambrósio**, com aquele agradável sotaque nordestino e um refinado e autêntico vocabulário de caserna, muito a gosto deles. Estava eufórico pela satisfação de lutar pela Pátria, tinha certeza que voltaria um herói.

Era janeiro de 1944, a inspeção de saúde para a **FEB**, já havia começado e o índice de incapazes para a Força Expedicionária, era bem alto entre as praças. À tarde, quando recebi as atas de inspeção para publicação, tive um choque: o velho Cabo **Ambrósio** havia sido julgado incapaz definitivamente para o serviço do Exército — deveria portanto ser licenciado.

Seu coração havia dado tanta bondade e tanto amor, que estava totalmente desgastado. Naqueles dias, as preocupações com os preparativos e conosco mesmo, eram tantas, que poucos puderam compartilhar do drama do Velho Cabo, que vagava pelo pátio, sem rumo — já não era o mesmo, sua desolação era de cortar o coração. Seu corpo parecia que caminhava sem alma.

Somente os soldados da banda de corneteiros não o deixavam um minuto sequer.

Na véspera do seu licenciamento, foi à Casa das Ordens e, cabisbaixo, com ar de desapontamento, pediu-me que o escalasse pela última vez de corneteiro de dia, pois seria a sua despedida. Nada consegui dizer a ele, apenas consegui fazer um sinal com a cabeça.

Nesse dia tocou a corneta como nunca, onde quer que estivessem, todos paravam e baixavam a cabeça para ouvi-lo — era a despedida...

Diante da tropa formada para a leitura do Boletim Interno, lá estava o Cabo Velho — **Ambrósio Cavalcanti** —, seu rosto totalmente desfigurado, visivelmente abatido, porém nenhuma lágrima, ouvia num profundo silêncio, o longo elogio que lhe havia feito o Comandante...

Terminada a cerimônia, os colegas mais antigos foram designados para acompanhá-lo até o portão das armas. Caminhava lenta e vagarosamente, levava na mão direita uma corneta nova que as praças haviam lhe ofertado como lembrança. Parando diante do portão, fez meia volta para se despedir dos companheiros, porém não conseguiu. Com a corneta encostada no peito e amparado pelos colegas, morreu ali mesmo, de pé, como morrem as árvores.

Afinal, fora atendido por Deus — morreu no dia que deixou de ser soldado e de ser corneteiro.

(Colaboração do Cap R/1 **José Sâmia**)

O EXÉRCITO E OS PRISIONEIROS

(Conclusão da 1ª página)

Aproveito a oportunidade para reiterar os meus protestos de elevada consideração". (a) **Dr. Eberhard Wöllner.**

O insuspeito testemunho do Dr. **Wöllner** do tratamento dispensado pelas tropas brasileiras aos prisioneiros alemães demonstra bem o caráter, a elevação moral e o sentimento humanitário dos nossos soldados.

Fica aqui lançado o apelo do Dr. **Eberhard Wöllner** aos militares febianos no sentido de realização do desejado contato.

A redação de "O Verde Oliva" terá prazer em encaminhar ao interessado qualquer informação nesse sentido.

O Verde-Oliva

Gabinete do Ministro do Exército
Assessoria de Relações Públicas

Brasília, julho de 1978 — N.º 23

Nova Fase (II)

Conforme havíamos noticiado em nosso número anterior, nos propondo a uma maior freqüência de publicação, aqui estamos de volta, com o segundo "O Verde Oliva", em sua nova fase.

Nossos propósitos de unir, congraçar e comunicar, permanecem vivificados e incentivados pelo grande apoio que temos continuamente recebido de todos.

E, neste número, colocamos mais uma vez o "VO" à disposição das Organizações Militares para que se comuniquem mais intensamente.

O destaque, hoje, dado à nossa Escola Preparatória de Cadetes, nas páginas centrais, justifica-se por possuir esse estabelecimento de ensino um dos melhores cursos de 2.º grau do Brasil, constituindo-se numa excelente fonte geradora de recursos humanos para o Exército.

E não iremos parar por aqui. Se necessário, e sempre que possível, ampliaremos o número de edições.

Aos companheiros que enviaram artigos ou reportagens e que ainda não viram a sua publicação no "NE" ou no "VO", pedimos apenas um pouco de paciência, porque tudo será aproveitado. E solicitamos que continuem colaborando. As páginas de nosso periódico estão abertas a toda a grande família verde-oliva. Desta forma, estaremos unindo, congraçando, comunicando, participando e sobretudo somando esforços.

Na Trincheira da Democracia



Eles estão voltando.

Aguçai os ouvidos, ouvi a voz que a mão traiçoeira não pôde silenciar.

Escutai o bater do coração daqueles que o terror matou na madrugada de 27 de novembro de 1935. Ele bate em sintonia com o coração da pátria.

Todos estavam dormindo. Havia uma sentinela, morta pelo companheiro envenenado pela doutrinação totalitária e apátrida.

Significativamente, entretanto, os que tombaram de 35 para cá estão vivos — poderosamente vivos.

Os que foram mortos vivem nos nossos corações, conduzem o nosso ideário de Liberdade e Democracia.

Ideal que nos levou a lutar e a morrer nos campos de Europa contra o nazismo totalitário. Ideal que nos levou a lutar e a morrer nas cidades e nos campos contra o comunismo totalitário. O mesmo ideário da Revolução de 31 de março de 1964.

Aspiração de uma Democracia Social que ofereça iguais oportunidades para todos e onde possa haver a convivência entre todos os homens, independentemente de sua origem, cor, raça ou religião. Democracia, porém, que não é neutra, que não é passiva perante seus inimigos, que não lhes permite destruir a Liberdade, sobre o pretexto de exercício da crítica democrática. Democracia que não deixa as liberdades e as regras do jogo democrático à disposição dos grupos políticos e dos homens que querem demoli-la.

Foi nessa Trincheira que eles tombaram. Por isso não morreram.

Permanecerão vivos. É nessa Trincheira que nos encontramos.

Mensagem De Um Operário

Veja, companheiro, nas linhas abaixo, o que se fez por você, nestes últimos 15 anos:



- Pela Lei 4.923, de 23/12/65, concedeu-se aos empregados o direito ao auxílio-desemprego, criando-se o fundo de auxílio ao desempregado.
- Pela Lei 4.506, foi criada a Bolsa de Estudos para o empregado.
- Pela Lei 4.749, de 12/08/65, concedeu-se aos empregados o direito de receber gratificação natalina parcelada, ou seja, o 13.º salário parcelado.
- Pelo Dec 4.440, de 27/10/64, instituiu-se o salário-educação.
- Pela Lei 5.107, de 12/09/66, e pelo Dec 5.107, de 13/09/66 e Dec 59.820, de 20/12/66, foi criado e regulamentado o FGTS, onde são feitos os depósitos referentes ao tempo de serviço dos empregados.
- Pelos Dec 58.155, de 5/04/66 e Dec 58.684, de 21/06/66, foi constituído o Fundo de Assistência do Desempregado.
- Pela Lei 5.274, de 24/06/67, foi concedido o Salário Mínimo do Menor.
- Pela Lei 5.440, de 23/05/68, foi concedida Aposentadoria com 100 por cento para mulheres com 30 anos de serviço.
- Criou o PIS e o PASEP, determinando a participação do empregado no lucro da empresa.
- Criou o Seguro de Acidente do Trabalho, pela Lei 5.316, de 14/09/67 e Dec .... 61.784, de 28/11/67.
- Instituiu o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAM).
- Estabeleceu normas complementares de aplicação dos recursos do PIS e do PASEP.
- Criou o Sistema Nacional de Emprego (SINE).
- Promoveu providências para o combate ao desemprego.
- Estabeleceu o 14.º salário para os cadastrados no PIS-PASEP que recebem até 5 salários mínimos mensais.
- Constituiu grupo de trabalho interministerial para estudo e levantamento de recursos destinados à alfabetização — MOBRAL.
- Dispôs sobre o Programa Especial de bolsas de estudos para trabalhadores sindicalizados e seus dependentes. — Dec 60.186, de 8/02/67.
- Amparou os empregados domésticos na Previdência Social.
- Criou o abono de emergência para o emprego.
- Disciplinou a concessão e prestação de assistência jurídica na Justiça do Trabalho ao trabalhador sindicalizado ou não.
- Estendeu o direito do salário família aos filhos inválidos.

Muitas outras conquistas sociais foram alcançadas pelos trabalhadores brasileiros, nestes últimos 15 anos.

(Transcrito do "Jornal da Conservação", do Sindicato dos Empregados de Empresas de Asseio e Conservação do Rio de Janeiro, RJ — abril/78, remetido por **José Umbelino dos Santos**, Presidente da Confederação.

O QUE VAI PE

DEP — ESCOLA PREPARATÓR



MISSÃO

Destinada a receber jovens de todos os rincões de nossa Pátria e prepará-los para o ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército possui uma complexa estrutura, visando dar aos alunos, que nela ingressam, uma elevada formação moral, a par de um sólido preparo intelectual e físico, elementos necessários à formação do futuro Oficial do Exército Brasileiro.

Localização

Está localizada em Campinas, SP, distante 100 Km da capital do Estado, sendo uma das mais prósperas cidades brasileiras, com 600.000 habitantes, um imponente e diversificado polo industrial possibilitando novos empregos. A cidade destaca-se ainda como importante entroncamento do sistema de transportes estadual. A malha viária está facilmente ligada a todas as principais rodovias, e os trilhos da FEPASA dobram as ligações com o restante do Estado. A 16 Km situa-se o Aeroporto Internacional de Viracopos.



Campinas constitui um importante centro cultural do Estado de São Paulo. Conta com duas universidades: UNICAMP e PUCC, ao todo 25.000 estudantes, 124 estabelecimentos de ensino de 1.º e 2.º graus, com mais de 120.000 alunos matriculados. Existem 17 associações culturais, entre artísticas, científicas, tecnológicas, literárias e filosóficas; 8 cinemas e 5 teatros; 8 museus e 13 bibliotecas; 6 jornais fazem a imprensa campineira.

Nas áreas de Ciências e Medicina, Campinas se faz presente como admirável centro de experimentação e pesquisa, muito contribuindo para a evolução da agricultura e principalmente da medicina do país.



CIDADE DE CAMPINAS, SP

ORIGEM

Atualmente, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército é a única no gênero no Brasil, pois originou-se das antigas Escolas Preparatórias de São Paulo, Fortaleza e Porto Alegre, extintas no início da década de 60. Dessa forma, a Escola Preparatória de Campinas tornou-se depositária do acervo de todas as gloriosas tradições das Escolas Preparatórias, por onde iniciaram suas carreiras inúmeros oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica.

(Conclui na 3ª página)

LO EXÉRCITO

A DE CADETES DO EXÉRCITO

ORIGEM

(Conclusão da 2ª página)

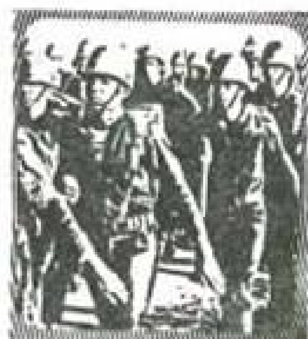
A denominação Escola Preparatória de Campinas seria mudada para Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em 1967, com o objetivo de vincular à finalidade do estabelecimento de ensino o nome, segundo proposta do Comando da Escola na época, ao Ministério do Exército.



Escola Preparatória de Cadetes do Exército

INGRESSO

O ingresso na Es PC Ex é feito através de concurso de admissão, realizado em 29 cidades do Brasil. As matérias para esse concurso, baseadas no núcleo comum do 1º grau, são: Ciências e Estudos Sociais (Física, Química, Biologia e História) Português e Matemática.



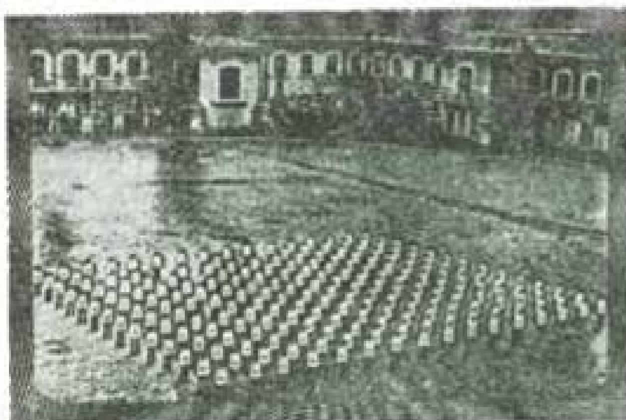
O Candidato Deverá:

— ser brasileiro nato, nos termos do inciso 1, do Art 45 da Constituição Brasileira;
— ser solteiro;
— ter menos de 19 anos;
— ter concluído (ou estar cursando) a 3ª série do 1º grau;
— estar em dia com as suas obrigações militares.

As instruções e os formulários para inscrição no concurso de admissão poderão ser solicitados diretamente pelos interessados à:

Escola Preparatória de Cadetes do Exército
Av. Papa Pio XII nº 350
13.100 - Campinas - SP.

ATUALMENTE



Abriga hoje a Es PC Ex cerca de 800 alunos, matriculados em três séries. São jovens das diferentes regiões brasileiras, sendo o principal contingente formado por cariocas e paulistas. Pelo quadro abaixo verificamos a percentagem referente a cada estado e território, no Corpo de Alunos, em 1978.

Naturalidade	Percentagem
Rio de Janeiro	37%
São Paulo	34%
Ceará	4%
Rio Grande do Sul	4%
Minas Gerais	3%
Pernambuco	3%
Outros Estados e Territórios	15%

Esses alunos, que ingressam mediante um exigente Concurso de Admissão que os seleciona dentre milhares de outros jovens na mesma faixa intelectual, provêm de diferentes segmentos da sociedade brasileira: conforme pesquisa efetuada pela própria Escola, no período 76/78, quanto a profissão dos pais, apuraram-se 56 diferentes tipos de atividades.

Na Escola Preparatória, além do preparo intelectual e físico através de matérias concernentes ao ensino de 2.º grau, os alunos recebem instrução militar básica, sendo equiparado hierarquicamente a 3.º sargento. Como militares, seus deveres para com a Pátria se iniciam no 1.º ano, ao prestarem o juramento à Bandeira; prosseguem nos serviços de escala a que concorrem nos três anos; são reforçados nas marchas e acampamentos a que são submetidos e se intensificam após o término do curso, ao se desligarem da Escola e seguirem com destino à Academia Militar das Agulhas Negras.

Na parte esportiva, várias competições acontecem no decorrer do curso, tanto internamente entre as Companhias de Alunos, como externamente com alguns clubes de Campinas. Porém a mais importante das competições é, sem dúvida, a que envolve a Es PC Ex, o Colégio Naval e à Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica.

Essa disputa compõe-se de várias modalidades esportivas, como: atletismo, natação, voIibol, basquetebol, futebol e judô. É denominada NAE, sendo realizada anualmente de maneira alternada em cada escola. Este ano, caberá à Escola Preparatória de Cadetes do Exército sediar a XIV NAE, em outubro próximo.

Página do Leitor

DESPEDIDA DO SOLDADO



Mensagem de despedida, afixada no vestiário dos oficiais usuários da Vila Hípica do 1.º RC Gd, pelo soldado **Alves**, encarregado do serviço dessa dependência, ao ser licenciado do Exército, por término do serviço militar inicial.

"Brasília, 14/06/78

Senhores meus superiores e acima de tudo meus bons amigos; quando cheguei aqui, sofrendo com a separação de meus pais, aqui foi meu refúgio e também o meu lar, onde, pouco a pouco, os fui conhecendo e por fim, os considero como meus irmãos e meus instrutores.

Como não pude me despedir de todos, deixo estas pequenas linhas saudando a todos, e desejando muitas felicidades, porque por mais distante que eu esteja, não deixarei de pensar nos senhores e, de todo coração, mais uma vez agradeço por tudo. Que Deus os proteja!

Esses são os votos de um soldado que muito os estima.

Vou embora mas meu coração fica. Um abraço a todos os que lerem minha despedida. Atenciosamente Sd 1303 — Alves a. José Alves dos Reis."

(Matéria enviada por um leitor do DEC)

Recado Para Uma Noiva de Tenente



... Hoje em dia há cursinhos para admissão em quase todas as atividades. Acho que deveria haver um, específico para as noivas de tenentes. Uma coisa é casar com o tenente fardado de uniforme de gala, bonito, os colegas fazendo teto de aço com as espadas...

Outra bem diferente, é acompanhar o tenente por este Brasil afora! E quando se sabe e se está preparada para acompanhá-lo, pode ser uma coisa notável!

... Quantas vezes se chega a um lugar onde não se conhece ninguém sem casa, com crianças pequenas, sem bagagem e sem saber quando a mesma irá chegar! Parece o fim de tudo. Mas dali a pouco, as colegas começam a chegar... uma oferece roupa de cama, outra as panelas, outra a louça... Não recuse! Não é para bisbilhotar que elas se aproximam. É que sabem, entendem sua situação, porque já viveram momentos iguais ao seu.

Não tenha escrúpulos em aceitar auxílio, porque você irá ter oportunidade de retribuir tudo, fazendo o mesmo para uma outra.

A noiva do tenente precisa saber também que se chorar um pouco, fizer uma forcinha, ele poderá ficar no Rio, conseguir anular a transferência. Mas quando ele começar a levar a carona, só for promovido por antiguidade, precisa saber também que a culpa pode ter sido sua.

Quando, naquele casamento bonito o padre diz que nos une para a dor e a alegria, saiba que é verdade. Não é força de expressão! ele quer dizer exatamente isso. E, pode acreditar, não é tão dramático. Às vezes é difícil, mas não é impossível.

Quando ele estiver de serviço, procure não criar-lhe problemas dizendo que está com medo. Ele poderá trocar o serviço com outro... Mas até quando poderá fazer isso?

É certo que não poderá ter tudo de bom e bonito que as vitrines exibem. É certo que sua irmã ou sua prima, que se casaram com civis, têm mais do que você. Mas e a oportunidade de conhecer o Brasil, conhecer muita gente interessante e, às vezes, até importante, que você terá com muito mais facilidade do que elas?

Não tenha medo, e diga para os seus que não tenham também, quando o seu tenente for transferido para uma cidade do Norte ou Nordeste. Essa é uma região bonita, que você vai gostar. É claro que não tem Copacabana, Barra, Pão de Açúcar... Mas será que você vive disso e nisso? Muitas cidades do Norte, que têm unidades militares, estão à beira-mar. E pode crer, não existe mar mais bonito: verde, uma água morna, que você nunca mais vai esquecer!

E olhe que eu sou sulista. Tudo o que você precisa para viver e viver bem, você encontra por lá. Já foi o tempo que ir para o Norte era um desterro!

Também não tenha medo e não faça cerimônia com as mulheres de oficiais mais graduados. É muito raro a mulher que usa as estrelas do marido. E, quando usa, geralmente é isolada pelas outras. Saiba que a mulher do coronel ou mesmo a do general é igualzinha a você. E nenhuma se esqueceu ainda o que é ser mulher de tenente. Algumas poderão até ter inveja de você, da sua juventude, mas compreendem a situação.

E, minha amiga noiva de tenente, não tenha medo de acompanhar o seu tenente para qualquer canto deste Brasil. Tenha sim, orgulho! Levante sua cabeça, arrume sua bagagem, boa viagem e felicidades!

(Transcrito do Paranoá — Fev 78 — colaboração enviada por um leitor do EME).